

**DANIELLE
TORRES**

SOU DANI ELLE

**COMO
ME TORNEI
A PRIMEIRA
EXECUTIVA
TRANS DO PAÍS**

 **Planeta**

**DANIELLE
TORRES**

**SOU
DANI
ELLE**



**COMO
ME TORNEI
A PRIMEIRA
EXECUTIVA
TRANS DO PAÍS**

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Danielle Torres, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Marina Castro

Revisão: Queni Winters e Andréa Bruno

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: Fabio Oliveira

Fotografia de capa: Bob Wolfenson

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Torres, Danielle

Sou Danielle: como me tornei a primeira executiva trans do Brasil /
Danielle Torres. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
192 p.

ISBN 978-65-5535-801-8

1. Mulheres transgênero – Sucesso nos negócios 2. Executivas –
Sucesso I. Título

22-2879

CDD 650.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres transgênero - Sucesso nos negócios

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em
ITC New Baskerville Std e
impresso pela Geográfica
para a Editora Planeta do
Brasil em junho de 2022.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9

UMA EXECUTIVA EM
NOVA YORK 13

1

SOU UMA MULHER
DE NEGÓCIOS
DE SUCESSO 19



2 Planeta

NUNCA FUI ESCOLHIDA
PARA O TIME DE
FUTEBOL 25

3

O QUE OS SEUS CABELOS
COMPRIDOS
ESCONDEM? 33

4

A DÉCADA
PERDIDA 41

5

6 SESSÕES DE
TERAPIA 49

O MACHISMO SEMPRE
ESTEVE PRESENTE 59

7

8 COMO NÃO
ENLOQUECI 67

COMO FOI MINHA
TRANSIÇÃO DE GÊNERO
NO TRABALHO 75

9

10 QUAL TRANSIÇÃO
DE GÊNERO? 91



VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM
“PASSABILIDADE”? 99

Planeta

12 O DIA DO
CASAMENTO 109

TUDO ESTAVA BEM...
MAS EU PARTI 117

13

14 EXECUTIVA E
MAQUIADORA: TENHO
MUITAS CORES 127

PROMOVIDA A SÓCIA:
EU MERECI 133 15

16 DICAS DE CARREIRA
PARA PROFISSIONAIS
LGBTQIAP+ 139

CRIANDO UM AMBIENTE
SEGURO PARA
PESSOAS TRANS NAS
EMPRESAS 147 17

18 O INFINITO COMEÇOU
NAQUELE DIA 153



FALANDO
SOBRE SEXO 159 19

20 EU GOSTARIA
DE SER MÃE 167

ENTRE CALCINHAS
E QUIMONOS 171 21

PARA AMPLIAR O DIÁLOGO 179

NA PAREDE DA MEMÓRIA 185

(M)EU (IN)VERSO 188

AGRADECIMENTOS 191

1



UMA EXECUTIVA EM NOVA YORK

“

Contrariando todas as expectativas, eu era a única executiva abertamente transgênero que trabalhava para uma empresa global, num cargo sênior, na área de finanças em Nova York. Logo eu, que passei a vida ouvindo os outros falarem sobre a minha falta de capacidade, me advertindo de que eu deveria me contentar com pouco, que era inadequada e viveria à base de favores.



Eu esperava o semáforo de pedestres abrir quando um daqueles táxis amarelos cinematográficos dobrou a esquina e passou por mim. No reflexo do vidro, vi uma bela mulher. Ela tinha cabelo comprido, loiro e com as pontas rosadas. Certamente uma nova-iorquina, eu pensei, porque tinha também ar apressado e, apesar das roupas de alfaiataria e de uma bonita pasta executiva, o que ela usava nos pés eram tênis pretos de corrida.

Senti uma tontura tão forte diante daquela imagem que perdi o equilíbrio e derrubei o café que estava tomando. Um senhor que passava por perto na hora pegou meu braço e perguntou se eu precisava de ajuda. Respondi que estava bem e que trabalhava no prédio do outro lado da avenida, a Park Avenue.

Por um instante, avalei que tivesse me sentido mal porque dali a poucos minutos apresentaria meu primeiro grande projeto na empresa. Em meu íntimo, porém, eu sabia: a tontura decorria do fato de

eu ter percebido, naquele segundo, a pessoa que havia me tornado.

Moro em um prédio no coração de Manhattan, de onde tenho vistas de tirar o fôlego. Do solário da cobertura e do meu apartamento, por exemplo, dispoño de um privilegiado panorama do rio Hudson. Do escritório e da academia observo os arranha-céus próximos à Wall Street e, um tanto pequenina, ao lado, a ilha que abriga a Estátua da Liberdade.

Esse apartamento foi o décimo que eu e minha esposa, Ayana, visitamos em um mesmo dia. Eu havia pedido ao corretor que nos atendia um lugar com uma vida noturna vibrante, restaurantes e parques, e que fosse amigável para um casal LGBTQIAP+. Ao retornar ao flat em que estava hospedada, vi que bolhas haviam se formado nos meus pés. Tinha caminhado ao menos quinze quilômetros, com pouco tempo para descansos – algo a que logo me acostumaria.

Claro que o meu sonho era um tanto diferente. Imaginava que iria para o trabalho usando salto alto e gritaria com o meu melhor sotaque nova-iorquino: táxi! Pois bem. Fiz isso somente uma vez. Encontrei no metrô e em um par de tênis pretos os meus melhores amigos. Assim que desembarquei por aqui, me disseram que, quando conseguisse entender as cores, as letras e os números de cada linha e compreendesse o que o condutor dizia pelos quase sempre antigos alto-falantes instalados nos vagões, eu poderia me considerar uma local.

Ainda não entendo todos os anúncios feitos no trem, mas já tenho segurança para percorrer a cidade quase toda. Eu amo cada segundo de morar aqui. Adoro correr ao lado do rio Hudson, sentido *downtown*.

Muitas vezes, levo uma toalha e me sento com minha esposa em algum cantinho para admirarmos o pôr do sol. Também gosto de visitar sorveterias veganas, de ver as obras de Diego Rivera no Rockefeller Center e de tomar açaí no Madison Square Park, ouvindo grupos de jazz de primeira linha.

Nova York, hoje, reluz em liberdade para a comunidade LGBTQIAP+. Dias atrás, visitei o primeiro parque estadual dos Estados Unidos nomeado em homenagem a uma mulher transgênero negra, o Marsha P. Johnson, no Brooklyn, uma experiência que fez lágrimas escorrerem dos meus olhos. Aqui, me sinto antes de tudo detentora de direitos. Se é um direito meu, pouco importa se sou ou não trans. Sei que na imensa maioria dos casos serei respeitada.

E foi respirando esta atmosfera, em um dia de semana como quase todos os outros, que senti aquela tontura.

Tinha deixado meu apartamento, apressada. Era uma manhã importante porque, como mencionei antes, apresentaria um projeto para toda a liderança do meu departamento. Mal podia acreditar que estava atrasada em razão do tempo que investira me produzindo.

Chegando ao metrô, constatei que a linha expressa que costumava pegar estava com problemas. O próximo trem estava previsto para chegar em trinta minutos e eu precisava estar no escritório em vinte. Saí em disparada para uma rota alternativa, que envolveria no mínimo três baldeações e muitos lances de escada. Com pedidos de licença, eu me infiltrava na multidão.

Apesar de um começo de dia tumultuado, cheguei à Park Avenue ainda a tempo de pedir um expresso para viagem na minha cafeteria de costume. As moças

que trabalhavam ali me conheciam e preparavam o café assim que me viam entrar na loja.

Eu adorava o hábito de tomar aquele café, cruzando aquela avenida. E, naquele dia, quando vi minha imagem refletida no táxi, deixei o copo cair porque percebi: contrariando todas as expectativas, eu era uma das únicas, se não a única executiva abertamente transgênero que trabalhava para uma empresa global, num cargo sênior, na área de finanças em Nova York. E tinha mais: eu estava prestes a ser admitida para um mestrado em uma das melhores universidades de tecnologia dos Estados Unidos.

Logo eu, que passei a vida ouvindo os outros falarem sobre a minha falta de capacidade, me advertindo de que eu deveria me contentar com pouco, que era inadequada e viveria à base de favores.

Só eu sabia a imensa caminhada que havia percorrido até aquele ponto. Quanto sofri, fui humilhada, excluída e ridicularizada. Como fui agredida, física e psicologicamente. As inúmeras vezes que me sexualizaram sem qualquer motivo; a falta de respeito constante; as diversas ocasiões em que atribuíram problemas e questões de terceiros a mim. Eu era aquela que já havia sido chamada de “uma vergonha” e que tivera a própria sanidade questionada.

Essa mesma pessoa estava ali. Uma mulher transgênero, independente, apesar das inúmeras provações que enfrentou durante a vida. Não era possível ter outra reação, se não a de vertigem, ao me ver envolvida nessas emoções tão profundas.

Nova York, novembro de 2019, 36 anos.

